

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro

Class.: _____

33

Data: 27 de setembro de 1988

Pg.: 3

Já são 107 os índios que vão disputar votos

SUELENE TELES
Da Editoria de Política

Nos quase 500 anos que separam o primeiro contato dos índios brasileiros com o homem branco, muita coisa mudou. Algumas delas de forma radical. Pedro Álvares Cabral, por exemplo, quando chegou encontrou seis milhões de habitantes, todos eles índios. Hoje eles não somam 250 mil, espalhados entre 168 nações, localizadas principalmente na Amazônia e no Acre. A principal mudança, no entanto, vem acontecendo nos dez últimos anos. Foi neste período que os índios resolveram aposentar a borduna e o tacape e enfrentar o branco por meio de uma arma comum aos dois: o voto.

Nada menos do que 107 índios já estão com suas candidaturas registradas, e no próximo dia 15 de novembro prometem disputar palmo a palmo com os brancos cargos de vereadores e vice-prefeitos. Seguindo a picada aberta pelos pioneiros Angelo Kretã, da tribo Kaingang, eleito vereador pelo município de Mangueirinhas, no Paraná, em 1980, e Mário Juruna, eleito em 1982 deputado federal pelo PDT do Rio de Janeiro, os índios candidatos se esparramaram por 10 partidos: PMDB, PFL, PDT, PDS, PTB, PSDB, PL, PT, PDC e PSC.

A grande novidade, no entanto, é a revolução apontada pela participação pioneira das índias neste processo eletivo. Dos 107 concorrentes às vagas para o Executivo e Legislativo municipal, seis são mulheres. Todas pretendem ser vereadoras, duas pelo PMDB, uma pelo PDS, outra pelo PT e outra ainda pelo PFL — PDC. Três delas são amazonenses, duas são do Mato Grosso do Sul e a outra é baiana.

O principal partido escolhido pelos índios para disputar as próximas eleições municipais é o PMDB, que tem 41 candidatos. Em segundo lugar aparece o PDT, com 16 concorrentes, seguido de perto pelo PFL, com 15. PTB, PDS, PL e PT estão praticamente empatados, devendo cada um deles sair com sete candidatos índios. Na lanterna das preferências estão o PDC, que tem quatro candidatos, e o PSC, com apenas um.

FOLCLORE

Considerados quase sempre como personagens folclóricos e exóticos, os índios estão se preparando para essa batalha como os mais comuns dos mortais. Alguns deles certamente enfrentarão dificuldades impostas pelo preconceito secular, que sempre os apontou como pessoas que necessitam de tutela. Outros, em particular, poderão passar por dificuldades ainda maiores, como a de ter que ensinar o eleitor a escrever seus nomes nas cédulas de votação.

Não será fácil para um eleitor comum acertar o nome do índio Xokleng, que pretende ser vereador em Ibirama, Santa Catarina, pelo PMDB. Seu nome indígena é Nunc-Nfoonro, mas ele certamente receberá votos com o pseudônimo de Irineu, fórmula que encontrou para facilitar sua eleição. O mesmo se aplica ao Paratsé, candidato a vereador por Barra do Garça, em Mato Grosso. Para simplificar, na frente de seu nome ele colocou o simples e fácil José Maria.

Existem ainda dificuldades que parecem mesmo intrasponíveis. Sem se preocuparem com o grau de dificuldades que o eleitor possa vir a ter, índios das mais diversas nações se registraram candidatos com os nomes originais. Caberá, portanto, a quem quiser votar em um deles, aprender como se escreve Txlocan, Simnaqser, Waximauri, Kudloena, Idjarruri, Satu Kaneia, Libi Marworno, Karipuna, Palikur, Galibi, Tsidaze Tswac, Tseretewe, Maluca.

OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS

Apesar de apontar como natural e positiva a participação cada vez maior dos índios no processo eleitoral, o deputado Tadeu França, que se colocou como presidente de uma Frente Parlamentar do Índio, também se mostrou surpreso com o volume das candidaturas colocadas. Entretanto, ele afirma que essa crescente participação dos índios significa o reflexo do índice cada vez maior de conscientização da comunidade indígena. "Eles sabem que lhes é indispensável ocupar os espaços e os núcleos de poder da sociedade convencional, como meio de defender seus próprios direitos e assegurar sua sobrevivência".

Para Tadeu França (PDT-PR), esse amadurecimento dos índios passa pela manutenção de suas tradições, mas em um processo de inserção cada vez maior na sociedade envolvente. "É uma maturação gradual, como acontece com a sociedade como um todo". O presidente da Frente atribuiu a preferência dos índios pelo PMDB e o PFL ao alto grau de dependência que a maioria das aldeias ainda tem da máquina administrativa.

"Está bastante claro que a preservação étnica não passa pela aculturação, e a gente não vê a participação dos índios na política partidária como um índice necessário de aculturação", afirma Júlio Gaiger, assessor jurídico do Conselho Indigenista Missionário — Cimi. O assessor explicou que o exercício da indindade não é incompatível com os direitos de cidadania. "Pelo contrário, seria desejável se eles se compatibilizassem".